

NOTÍCIAS ZECA DIRCEU

Brasil de 1,1 trilhão para enfrentar crise mundial

14/08/2011

Apesar da mídia criar um constante clima de pânico em torno da crise internacional, estou convencido que o Brasil está preparado para enfrentar esta má fase da economia global. O governo brasileiro conta hoje com um cordão de isolamento de pelo menos R\$ 1,1 trilhão para proteção da economia contra o agravamento maior da crise internacional. Esse colchão é formado pelo dinheiro que o Tesouro Nacional tem em caixa para rolar a dívida pública, pelos depósitos compulsórios recolhidos pelo BC e pelos dólares das reservas internacionais. É uma proteção quase 40% maior do que o governo tinha às vésperas da crise de 2008.

Estão depositados cerca de R\$ 200 bi somente no caixa do Tesouro Nacional, dinheiro chamado no jargão econômico de colchão de liquidez. Este montante é para ser usado exclusivamente no pagamento de títulos do Tesouro que estão vencendo. Em caso de necessidade, o governo pode parar de ofertar novos papéis em seus leilões semanais para se financiar. Os recursos em caixa são suficientes para o Tesouro ficar sem vender um único título até o final de janeiro próximo, mês em que há maior concentração de vencimentos de papéis.

Já o dinheiro dos compulsórios – R\$ 416,79 bilhões – poderá ser liberado pelo BC para garantir crédito no mercado interno e oferta de recursos em reais na economia, caso os bancos se retraiam e parem de emprestar dinheiro entre si e para os clientes. Já os dólares das reservas (US\$ 350,9 bilhões ou cerca R\$ 570 bilhões, ao câmbio de hoje) podem garantir leilões de linha de crédito para manutenção das operações de comércio internacional, como foi feito pelo BC em 2008, e evitar desvalorização excessiva do real, que pode impactar a inflação e derrubar mais o crescimento econômico.

O ex-diretor do Banco Central e economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio, Carlos Thadeu de Freitas, considera importante o Brasil ter defesas reforçadas neste momento de crise e incertezas. Mas avalia que, diferentemente de 2008, esse colchão só será acionado depois que a taxa de juros cair, como forma de preservar a atividade econômica. Segundo ele, o cenário contempla maior preocupação com o nível de atividade e, por isso, apesar de esperar

manutenção da Selic na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), o recurso da queda do juro deve ser o primeiro gatilho a ser acionado pelo governo.

Freitas considera que, na eventualidade de uma piora no quadro dos mercados, a primeira defesa que deverá ser utilizada é a reserva internacional, garantindo liquidez em dólar para o setor exportador e contendo possíveis disparadas do dólar. Os depósitos compulsórios só deverão ser acionados em caso de empocamento de liquidez (situação em que o dinheiro fica parado nos bancos, sem circular na economia). "O compulsório não será tão importante quanto em 2008", considerou.